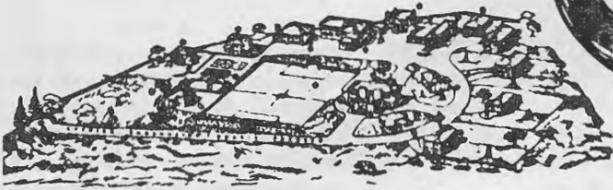




Gaiato

11 DE MAIO DE 1974

ANO XXXI — N.º 787 — Preço 2\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Eram três raparigas nativas, ainda muito novas, cada uma com seu filho pela mão. Vinham pedir guarida em nossa Casa para os filhos. Eram três mães solteiras e os filhos eram mestiços. Não sabiam do paradeiro dos pais que as deixaram com os filhos nos braços. A história é sempre a mesma. A nossa vida é feita com as histórias destas mães; com a história destes filhos; com a história destes pais desconhecidos. E, se para todos há lugar no nosso coração, nem todos cabem em nossa Casa. E regressaram aos seus bairros, onde tudo falta, onde abunda a miséria.

Os bairros suburbanos são a forja de homens e mulheres que amanhã formarão uma sociedade doente. Não têm condições de vida digna de seres humanos.

Deste posto de vigia, onde vem desaguar parte do rio caudaloso da miséria que nos rodeia, lançamos um grito de alarme aos responsáveis pela coisa pública. A grande maioria da população vive lá. Ali devem estar as suas preocupações primeiras.

Mas a tarefa é grande e pesada demais para que alguém se possa considerar dispensado de ajudar.

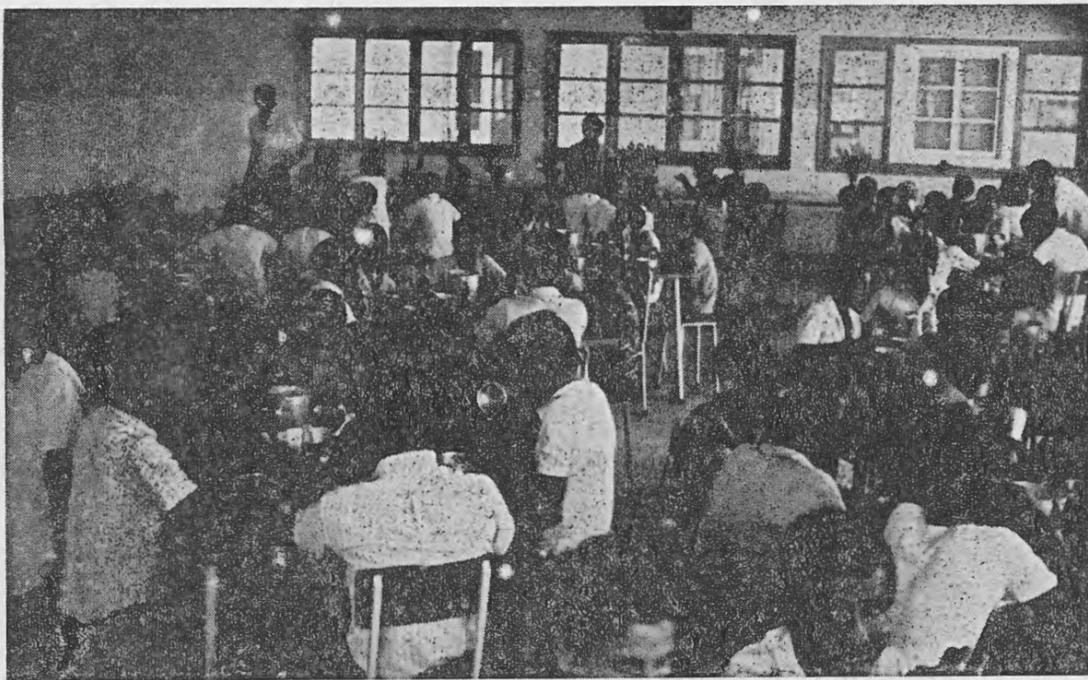
Há três dias que a Mariana corre para nossa Casa. É uma rapariga com 22 anos. Aos 16 teve o primeiro filho. Não sabe do homem que o gerou. Quer que fiquemos com o pequeno. Está desempregada, com mais dois filhos junto de si que nunca conhecerão os pais. Não sabe o que fazer à vida! Pobre miséria! Demos-lhe a mão. Não sabemos se terá forças para se aguentar.

Onde estão as mulheres que vão em socorro destas raparigas nos seus bairros? Onde estão? Onde um Centro Social? Quem acode às raparigas dos nossos bairros suburbanos? Estão abandonadas.

O Zeca tem pouco mais de 6 anos. É o nosso mais pequenino e chegou anteontem. Trazia como carta de apresentação: filho de pai desconhecido. Há quatro dias que a mãe saiu de casa e não voltou a aparecer. Tem mais irmãos que aguardam, na rua, um lugar em nossa Casa.

O Armando veio passar connosco umas curtas férias que a vida militar lhe concedeu. Era já noite quando chegou e foi direito à

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA



O refeitório, em dia de domingo, na Casa do Gaiato de Benguela.

Família de tantos filhos que vão crescendo e casando, não podemos furtar-nos, com muita frequência, ao gosto amargo deste problema.

Mas não só. Há mais aqueles que, directamente ou pela mão dos seus párcos, nos fazem comungantes dos seus anseios, dos seus projectos, em desabafos semelhantes a este:

«Tendo-me eu metido numa aventura perigosa — chamo-lhe perigosa porque um dia, ao pensar em construir uma pequena casa para habitar, fi-lo sem pensar bem naquilo em que me ia meter — vendo-me perdido, lembrei-me de recorrer ao sr. Padre da nossa freguesia, pedindo-lhe que me socorresse de qualquer forma, pois eu lutava com muitas dificuldades. Já fui entregue dessa ajuda que muito jeito me veio fazer, pois nesta data já devo 20 contos.

A minha casa está a ficar quase pronta, mas só com o que é de mais necessidade, pois que eu comecei quase sem dinheiro meu.»

Já não falo da modéstia da casa, da ausência de acabamentos, a julgar pelo teor da comunicação, pela pequenez da verba declarada. O que mais choca é a «aventura» e esta «perigosa»

Problema da Habitação

a que está sujeito um chefe de família que vive da sua magra jorna e da «limpeza que a minha mulher faz num café» e quer realizar o direito, que é simultaneamente dever, de dar casa aos seus.

Repito: esta «aventura» é vivida por centenas, por milhares de outros chefes de família nas mesmas condições (e esta ordem de grandeza cabe no número de casos que temos partilhado — pequena gota no mar de tantos mais!).

Não vemos que este estender de mão fraterno, ajudando «a resolver alguns problemas limitados, contribua largamente para impedir a aplicação de medidas justas e a adopção de leis gerais objectivas que regulem a matéria e a canalização de meios financeiros e técnicos, para uma solução de conjunto, que nem precisa de

Continua na TERCEIRA página

PERENIDADE

Só o Evangelho é Boa Nova. Tudo passa. Tudo se consome. A sabedoria dos homens é vária e boa enquanto emana da Verdade e reflecte a Sabedoria incriada. Enquanto estimula o homem à procura

da Justiça e o dinamiza para a realização do Bem.

Inventar é achar, é descobrir. Nem os navegadores de antanho fizeram o mar que desvendaram; nem Hertz ou Marconi as ondas electro-magnéticas que transmitem sinais através do espaço; nem os químicos as substâncias cujas propriedades transformam ou curam. Tudo está no Mundo que Deus criou e deu aos homens: Potências ignoradas que o espírito do Homem vai detectando e aprendendo a dominar, de geração em geração. Não há progresso que se não apoie num esforço anterior do engenho humano — como um rebento novo nasce de um ramo mais antigo. Toda a actividade da inteligência se desenvolve numa linha de tradição: os pontos de chegada de ontem são, hoje, pontos de partida para as metas de amanhã.

Como os caminhos da sabedoria humana deveriam ser caminho da solidariedade entre os homens, da humildade em cada homem!

No mundo que Deus criou e deu aos homens, imensamente rico de motivos de

atração, aptos para determinarem o homem a escutar e cumprir a ordem divina de «possuí-lo», de «dominá-lo» — o maior centro de interesse (até porque o mais misterioso) é o Homem.

— «Onde está o sábio? onde o erudito? onde o investigador deste século?» — lembra-me S. Paulo — que conheça o Homem, ou dê tudo, e se dê, por conhecê-lo, para lhe prestar Justiça, para lhe servir o Bem?

— Só o que ama. Só o que se solidariza com todos os homens. Só o humilde, disposto a fazer-se tudo para todos, a fim de restabelecer na unidade harmoniosa de Família Humana a pluralidade natural aos homens, de que eles, por seu orgulho, por sua trágica tendência para absolutizar, têm feito dissonância agreste a provocar ruptura.

— Só Cristo Jesus, «Este crucificado», «o Qual, para nós, foi feito por Deus Sabedoria, Justiça, Santificação e Redenção». Só Ele é Mestre. Só Ele ama o necessário para conhecer. Só Ele Se solidarizou com os homens de tal ma-

Cont. na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FUTEBOL — Eis uma notícia que desperta sempre bastante interesse!

O mês de Abril não foi muito ocupado. Nos últimos domingos o nosso grupo descansou. Vem aí o mês de Maio, e julgo que com este repouso a nossa equipa possa fazer melhores resultados do que os obtidos até aqui.

OBRAS — A nossa cozinha nova está quase pronta. Agora apenas restam ainda uns pequenos acabamentos na dependência exterior — que servirá de apoio àquela.

VISITANTES — Não me lembro de ver tantos visitantes como este ano! Aos domingos a nossa Aldeia mais parece uma cidade em movimento! São menos em dias úteis, mas também aparecem visitas frequentes e são sempre para nós uma grande satisfação pelo carinho e amizade de todos os nossos Amigos.

BATATINHAS — Os nossos mais pequeninos são o centro da nossa Comunidade.

Não é com simples objectos que se paga um sorriso destas crianças tão meigas. É preciso que sejamos sempre verdadeiros amigos, como eles nos acolhem dia após dia, com a mesma sinceridade e ternura de irmãos que somos nesta grande Família.

Eles precisam do nosso exemplo e compreensão com o fim de se apoiarem numa autêntica libertação: saber distinguir entre uma coisa bem feita e outra mal feita; entre o bom e o mau exemplo.

Nós, os mais velhos, temos de lhes fazer ver que as coisas feitas com calma e consciência sabem melhor e rendem muito mais.

É preciso, também, que as crianças sintam o silêncio, na hora própria. Uma vez, eu pedi — não exigi — silêncio aos meus pequenos. Deixámos de trabalhar e conversar e ficámos uns momentos a escutar o silêncio. Que belo! Depois perguntei o que tinham ouvido. Era uma porta a bater, a chuva a cair, vozes de pessoas ao longe, etc.

Nunca nos esqueçamos, portanto, das crianças. Respeitemos os mais pequenos! Eles a toda a hora precisam de nós. E é deles que na maior parte das vezes recebemos os momentos mais felizes da nossa vida.

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

POBRES — «F. lavrador-caseiro passa mal...!» — ouvimos. Marchou logo um recoveiro, que aborda, entretanto, um amigo — sem quebrar a discreção. «Sim, precisa...» E mais

outro: «Não senhor! Não tem necessidade...!»

Sim e não. Opiniões!

Bate à porta da casa. Estava deserta. Regressou impaciente!

Éramos um pequeno grupo, ocupado na embalagem do foliar dos Pobres. Ele, o recoveiro, surge pesroso:

— Fui a casa de F. Não estava! Não fui de mãos vazias, mas... com isto tudo vamos preparar a parte que lhe toca. É mais um...
— Chega pra todos!

Prepara o embrulho, ajuda os mais e parte como um sino.

Era a Semana da Paixão... Hoje, tempo de Ressurreição, em tarde de sol posto, topamos o Pobre. Caminhar lento, doloroso, arrimado a um bordão.

— Tive uma visita...

Começa o relato espontâneo da sua história. Uma hora cheia!

— Eu bem quero; mas não posso. Não posso trabalhar! Já vou nos oitenta...

Desabafa o seu amor à terra que nos dá o pão. Mostra os calos, as mãos enrugadas. E mais. Amor e sofrimento.

— Eu e ela ainda fazemos uns campitos; pequenos. Temos de pagar a renda... Mas a gente já deu o que tinha a dar! Vá lá, o senhorio é bom, mas quer a renda... Cumprimos, a muito custo. Olhe...!

Arregaça a calça. E mostra a chaga: — Olhe...! Ando assim há uns anos e já me custa muito!

É uma chaga com 10 cm de diâmetro.

— Foi ao médico...?

— Fui a um hospital. A médica curou-me, duma vez, e disse qu'isto é da idade. Já tenho oitenta anos. Mas tive de pagar 100\$00!

Aqueles 100\$00 foram pronunciados com ênfase. Amargurados, angustiados!

— Faz curativos...?

— Lavo a ferida todos os dias. Mas já tentei por outro lado...

— Então? Que lhe disseram?

— «É caruncho...» e mais nada!

Compõe a calça. Devagarinho. Os olhos humedecem!

— Veja com'eu ando a trabalhar! O meu filho dá-me o abono e pouco mais. Ele está para Matosinhos e não pode. Ele não pode mais...

— Não recebe mais nada de ninguém?

— A reforma da Casa do Povo. Mas a gente já não a arrecêbe há seis meses.

— Porquê?

— A gente não sabe.

É o tal subsídio de velhice, que não chega a 300\$00 mensais. Deus permita o problema seja resolvido sem delongas.

Entretanto — como fazemos a outros — vamos suprir com algo indispensável à subsistência do casal, porque o poder de compra de 100\$00 de abono e 298\$00 de reforma, é nada!

DONATIVOS — Para continuarmos a suprir carências de Justiça Social (o caso vertente é sintomático), aí vão mais presenças amigas.

Não são esmolinhas, mas um reparar d'alma e coração. Mãos fechadas, discretas — consoante a Boa Nova.

Há salários de trabalho duro — como o daquele Operário tripeiro

que nos visitou: «Tome lá; metade para os seus Pobres e a outra para o Calvário. Não revele o meu nome!» Esta exigência cristã — de todos os dias — identifica-se com «O Gaiato». É da mesma escola; aprendida no mesmo Livro.

Recentemente fiquei triste — e contente — ao ler, algures, que uma pessoa havia repartido uma quantia pelos Pobres. Incoerentemente, porém, tentaram profanar o acto; escarrapachar-lhe o *benemérito* nome no periódico! Mas ele soube a tempo e opôs-se. Que grande lição!

Vamos continuar a *procição*. Mais 100\$00 de Leça do Balio. 220\$00 de engenheiro amigo. 50\$00 da assinante 13582. O costume da assinante 17740. Mais a habitual presença de «Uma assinante do Seixal»: «Com a minha solidariedade para as desempregadas e que a Paz de Cristo, a verdadeira Paz, esteja connosco». E 100\$00 de Mafra, com o pedido de uma Avé-Maria, «pois vivo muito desgostoso». O mesmo de Ponte do Gove. E mais Coimbra, com um vale de correio de 150\$00 e esta legenda preciosa: «Utilizai-o como achardes melhor. Agradeço-lhe o favor de manterem o anonimato». Finalmente, uma entrega no Espelho da Moda e 100\$00 do Bairro Municipal Carmona, de Lisboa.

Muito obrigado — em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

A venda do Jornal no Norte do País

PORTO — Vão 4.000 jornais para esta cidade. Em relação a um ano atrás é uma «taluda» frac, por ser a nossa principal cidade. Mas a baixa não se deve aos leitores, sim à falta de papel!

No meu tempo, quando era vendedor do Porto, despachávamos mais. E havia, também, melhores vendedores...

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

sua cama. Estava ocupada e foi dormir à enfermaria. Os pedidos são de quase todos os dias. Hoje, ao sair da Capela, depois de celebrar a Eucaristia, veio ao meu encontro uma mulher com dois filhos e mais um no ventre e mais cinco em casa. Há 9 meses que o homem saiu de casa e não sabe do seu paradeiro. Vem pedir abrigo para os dois. Teve que regressar com eles e a ajuda em suas mãos. Dentro de mim ficou a aflição desta pobre mãe e seus filhos. É o nosso pão de todos os dias.

Ao dar-vos este pedaço da nossa vida, peço-vos a mão para que possa continuar a ser cirneu destes heróis escondidos.

JORNAL «O GAIATO» — Os cartões-aviso para os assinantes

AVEIRO — O «Tiroliro» leva 300 para Aveiro. Vende-os todos, como é costume. Passava 400, mas não pode seguir com mais de 300.

Parabéns ao «Tiroliro» e aos seus fregueses de Aveiro.

BRAGA — O «Rouxinol» deu-nos um desgosto, na venda da Páscoa! Seguiu com 350 jornais e, se não me engano, vendeu só 300!! Como os «Rouxinóis» nas vésperas da Páscoa não cantam — este assim fez. São coisas que acontecem na vida. Claro, veio para o Porto despachar as sobras. Mas não desanime de cantar!

PÓVOA DE VARZIM — Era a minha antiga zona, onde vendia 100 e, agora, o «Melão», 200. Mas o «sr. Melão» não esqueça que tem dois dias — e dantes não era assim! Ainda mais uma: dantes, a Póvoa era vila e, agora, é cidade...

O «Melão» está de parabéns! Esforça-se por cumprir a tarefa.

ESPINHO — O Ganhão vende 300 jornais em Espinho. No Inverno, aceita-se; mas, no Verão, já não. Tens a praia, lindo sítio de venda...

VIANA DO CASTELO — Sempre na mesma, com 100 jornais!! Ó «Girassol», podias dar um jeitinho, porque já sei que em Viana há muita gente que gosta de ler «O Gaiato». Percorre a cidade o mais que puderes e berra aos vianenses!

AMARANTE — Agora, vou falar da minha zona. Já sabem o meu horário, porque não é a primeira vez que falo da Venda do «Famoso», sobretudo em Amarante.

Em tempos que já lá vão vendiam-se por cá 120 jornais. E quando tomei conta da zona tentei logo conquistar novos fregueses, o que consegui! Chego a Amarante perto das 11 h. e até à uma da tarde só visito fregueses. Não chego a bater à porta de todos eles porque são perto de 55... Com esta volta perco

já foram expedidos na totalidade. Foi oportuna esta iniciativa. As respostas já começaram a chegar. Algumas trazem a marca da dedicação e de muita generosidade. Sempre que alguém chega da cidade com o correio, sai-lhe ao encontro esta pergunta: «Traz correio dos assinantes?»

A maioria, porém, até este momento, continua silenciosa. Uma percentagem mínima tem dado sinais de vida. Há postais devolvidos com a nota de «desconhecido» ou «faltado» ou «já não está aqui». E os jornais continuavam a ir sem que de nada soubéssemos. Por isso foi oportuna esta iniciativa. Oxalá o postal-aviso não caia no esquecimento, antes nos traga sinais de vida de todos aqueles para quem os jornais vão endereçados.

Pe. Manuel António

metade dos jornais que poderia vender; quer dizer, atrazo-me e não posso ir à feira, aberta ao sábado de manhã — onde se vende muito bem. Vou então comer e, depois, é que passo por lá. A essa hora vendo só 10... mais ou menos.

Senhores e senhoras amigas: a culpa não é vossa, tens a vossa vida; e nós a nossa. Mas despachai-me o mais rápido possível! Obrigado.

Disse 55 fregueses, mas tenho mais com certeza. 55 são aqueles a quem eu vou levar o Jornal a casa. E bem poderiam pedir a assinatura... Outros andam nos seus trabalhos; só os encontro nos cafés e na rua...

Amarante está num bom nível, actualmente. Mas pode ser que eu chegue a despachar 170 jornais. Agora são apenas 150 até domingo de manhã, por volta do meio dia e pouco. Da uma hora da tarde até às três poderia vender mais 20, mas não me podem aumentar a dose, porque estamos a atravessar uma grave crise de papel. Temos de aproveitar só o que há — e não é muito.

Um abraço para todos os amarantinos que gostam de ler «O Gaiato».

Luiz Gonzaga

CALVÁRIO

O EDMARO — Se não fosse o caso de aborrecer os leitores, nós estaríamos muitas vezes a contar as peripécias deste doente tão típico do Calvário. São tão variadas e sugestivas que só a nossa incapacidade de retratar as várias facetas do seu modo de viver nos priva de realçar os mais variados tons que nos sugere.

Muito embora ele seja dos mais antigos, e até já se tenha escrito nestas páginas algumas saborosas e mesmo boas passagens sobre ele, não resistimos em falar mais um pouco sobre este caso. Seria o maior se ele andasse sujeito, nem sabemos bem a quê!, por sítios escondidos da sociedade. Sim, digo escondido, porque ele gosta de andar, de vez em quando, pelos sítios menos visíveis. E sabem porquê e para quê? Para fazer «montes» e escondenijos de latas e tudo o que a vizinhança sem o mínimo de educação lança aqui para dentro! E não se contenta o Edmaro, em fazer grande «provisões» da mais variada sucata soude bem lhe parece, que ainda leva o que pode para o seu quarto, onde, por vezes, são precisos olhos bem atentos para vasculhar colchão, travesseiro, lençóis e cobertores; para tirar os seus «tesouros» chega ao ponto de levar «carochas» vivas para dentro da própria cama! E aí de quem se atreva a tirar-lhas! Tem logo «sermão».

E há quem diga que ele quase não sabe falar!

É muito engraçado quando «entram» com ele.

Mas muito mais o é quando amparado à vassoura de sedessos, ele se arma em brios e varre aqui e ali



Da Rua António Cardoso, os 1.000\$00 de todos os meses. Lisboa com 50\$00. De Godim, 1.000\$00, por uma graça recebida. Dum aumento de vencimento, 200\$00. Em cumprimento duma promessa, 50\$00. Lisboa com 90\$00. E de Rio Tinto, 100\$00. Roupas de Tortosendo, 1.500\$00 de Maria Adelina. Mais 20\$00 do Porto. Anónimo com 20\$00. Assinante 29305, com 50\$00. De Valadares, 270\$00 e 100\$00. Do mealeiro que se encontra junto do telefone da Estação dos Correios da Batalha — Porto, 200\$. Antero com 1.500\$00. Em Domingo de Ramos, entregue em mãos, 17.500\$00. Uma libra de Londres. De Vila Flor, 100\$00. As presenças mensais, carinhosas, de Augusto e Maria Luisa. De um anónimo por alma de sua irmã Elvira, 100\$00.

Os nossos amigos do Bairro da Pasteleira, 500\$00. Assinante de Rio Tinto, 100\$00. De Guimarães, 500\$00. Por alma de Ana da Conceição, 40\$00. Da Companhia dos Telefones, 82\$50. Da Rua Alferes Maheiro, 120\$00. Três pacotes de roupas, de Montalegre. Amiga do Henrique, com 345\$. Assinante 16264, com 330\$00. Em nome duma Companhia que esteve na Guiné, 5.000\$00. Por uma graça concedida, 100\$. Rosa com várias presenças. Do Porto, «por alma dos nossos pais, Aurora e Manuel», 400\$00. Duma Maria, 1.500\$. Avó de Coimbra, com 100\$00. Zé Ninguém com 50\$00. «Para a compra de açúcar, 1.500\$00, chegados em Sábado Santo. «Obra de Deus — para os Pobres», com 50\$00 por duas vezes. Um vale postal de 2.407\$50, subscrição anual dos Empregados do Crédito Predial Português.

De Leiria, um amigo enviou-nos um «doze» no Totobola, que nos rendeu 4.529\$60, e diz:

«Gasto todas as semanas 8\$00 no Totobola preenchendo dois boletins iguais, um em meu nome e outro em nome da Casa do Gaiato.

É uma maneira de, com uma pequena quantia, poder ajudar uma Obra que considero das mais válidas do País.

A semana passada acertei com um «doze» em cada matriz. É uma migalha que, embora pequena, representa uma

e assim vai sendo a causa de espanto para quem nos visita: «Que limpas estão as ruas aqui!» Não pode e nem sabe mais do que isto. Contribui bastante para a limpeza dos arruamentos.

Claro que será trabalho insignificante para nós e até muito mais para quem não nos conhece. Mas já é muito o pouco que ele pode e vai conseguindo fazer. Para além de tudo isto há uma certeza: o Calvário foi a única Família que o Edmaro conheceu!

PASCOA — Quando o amigo leitor ler isto ainda os ecos da Páscoa soarão aos vossos ouvidos. Nós só queremos desejar que Cristo tenha ressuscitado da melhor forma em cada um de vós. Será mais que evidente que o tempo é sempre bom para se ressuscitar de novo. Enfim, que nos corações reine sempre a Páscoa!

Manuel Simões

Do que nós necessitamos

ajuda para tantas necessidades.»

Como a amizade é inventiva!!!

Vestuário de Ferragudo e Lisboa. Avós de Sintra, com 100\$00. Um vale de 80\$00, sufragando a alma de Maria Amália dos Reis. Para os Pobres do Barredo, 600\$00. De Braga, 20\$00. De Clara e José Flores, 65\$, mais 60\$ e 60\$. Avintes com 25\$00. Lisboa com 50\$00. Anónimo, de quem Pai Américo foi tão amigo, 50\$00. «Uma mãe e duas filhas», com 1.700\$00. São percentagens de gratificações anuais e de aumentos de ordenado. Mais dum aumento de vencimento, 350\$00. Fernanda

com 50\$00. Um cheque de 600\$00, vindo de Personal-Beschaffung — Alemanha Federal, resultante de donativos de emigrantes portugueses. São mãos amigas que por lá labutam, nos amam e nunca nos esquecem. Com um bem-hajam, vai o nosso voto de saúde e que o Senhor vos ampare sempre.

Cá vai o padrinho do nosso Eusébio, com 500\$00 para cá e 500\$00 pró Calvário. Anónimo com 370\$00, dum aumento de ordenado. Por alma de Ana da Conceição, 45\$00. Anónimo do Bairro Fernão de Magalhães com 100\$00. Mais 400\$ no Lar. Anónimo com 50\$00. Também no Lar, 100\$00. Espi-

nho com 20\$00. A oferta anual, de 25 litros de azeite, dum senhor doutor do Porto. Já há longos anos, que esta dádiva se faz sentir. E a filha do nosso assinante 594: «Junto a esta, envio um vale de 5.000\$, produto do meu primeiro ordenado como professor». Deus a ilumine no seu mister.

Roupas de S. Mamede de Infesta, Sarzedas e Viçar Formoso. 1.000\$00 de algures. «Por alma de meus avós», 100\$00. Ermesinde com 50\$00. De Lisboa-3, 300\$00. Maria do Carmo, com 50\$00. Da Invicta, mil escudos. 10 francos de assinante em França. Mais 1.000\$00 de Maria Luisa. E a presença mensal, da Amadora,

com os 100\$00 em selos de correio. 2.000\$00 de Lisboa. Do Grupo, «20 Estrelas de S. Lázaro», 520\$00. Mais 100\$00 do Porto. Por alma da Conceição Passos, 100\$00. Muitos e amistosos votos de Páscoa feliz, acompanhados de «amêndoas» docinhas! 100\$00, em memória de alguém que Deus há muito chamou. 1.000\$00 de Augusto de Oliveira Pais & C.ª. Anónima da Figueira, com 50\$00. Da Paróquia da Ameixoeira — Lisboa, recebemos notícias:

«Junto envio um vale de correio em nome da v/ Casa no valor de 4.500\$00.

Este dinheiro é o fruto das renúncias quaresmais do pequeno rebanho da n/ Paróquia que no Domingo de Ramos foi colocado simbolicamente, na altura do Ofertório, nas mãos do Celebrante.

Que Ele aceite estas ofertas e no-las faça frutificar de forma a que a v/ Casa possa atender a cada vez mais problemas humanos.»

Assinante de Rio Tinto, com 100\$. De Boelhe, outros 100\$. De Oliveira de Azemeis, 50\$, pedindo orações. Da Capital, 100\$, «por duas Marias; uma boa, outra a pedir a protecção de Deus para as suas maldades». Assim seja.

Para todos vós, a nossa gratidão.

Manuel Pinto

PERENIDADE

Cont. da PRIMEIRA página neira que é para cada homem a Salvação. Só Ele é o perfeito Humilde, pois «sendo de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus»; mas, «tido pelo aspecto como homem, Se humilhou a Si-mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz».

Nenhum homem é capaz de amar, de se solidarizar universalmente, de dar a vida com tal isenção e gratuidade que se torne, por tal, conhecedor perfeito do Homem, apto a administrar-lhe a Justiça, a servir-lhe o Bem.

Aproxima-se deste desiderá-

to o discípulo, aquele que sabe e confessa que só Cristo é Mestre e Senhor e só Ele tem palavras de Vida. O discípulo é o perene aprendiz do amor com que Cristo nos amou. É uma bênção na sociedade dos homens. É reflexo da Luz; ou mesmo «sombra a dizer que a Luz é», como escreveu de si-próprio Pai Américo.

Tudo passa. Tudo se consome. A História é, também, sucessão de notícias necrológicas de impérios mortos em si mesmos, apodrecidos no orgulho.

Programas, técnicas, sistemas — tudo é bom se emana da Verdade e reflecte a Sabedoria. A Justiça não está nas

mãos do Homem fazê-la. Procura-se... e encontra-se. Pede-se... e recebe-se. O Bem é serviço a que Deus chama. Mais que produção de bens, é distribuição de dons em que cada qual sacrificará o seu esforço e o seu amor. Por isso, bate-se... e a porta se abrirá. Bate-se à porta de Deus, que não é «ex-maquina», mas que nos deu a Terra para que a possuíssemos e dominássemos e dela tirássemos com o suor do rosto o pão para todos os homens.

Nas transições, age-se mais a partir de princípios, do que no comodismo de regras feitas, ilusoriamente auto-suficientes.

Só o Evangelho é Boa Nova. Ontem. Hoje. Sempre.

Quem dera ninguém O esquecesse neste transe!

Cont. da PRIMEIRA página

ser de modelo único» — como li há tempos num artigo que conserva, aliás, toda a actualidade.

Nós somos pelas leis gerais e pelas medidas justas. Até que nos escandaliza e doí que que haja de chamar-se (e, às vezes, seja na verdade!) «aventura perigosa», tão razoável iniciativa, tão primário dever de um pai de família. Simplesmente, enquanto não vêm «as medidas justas e as leis gerais e os meios financeiros e técnicos para uma solução de conjunto», deixemos «a Caridade ir resolvendo alguns problemas limitados» — que esses, ao menos, ficam resolvidos e não pesam mais.

Venham, pois — e quanto antes — medidas eficientes para a resolução de tão fundamental problema. Qualquer que seja o modelo (e naturalmente que devem ser tantos modelos quantos as formas específicas do problema) — num ponto me parece que é neces-

Problema da Habitação

sário assentar: que **habitação e negócio são duas realidades difíceis de compatibilizar.**

E volto ao articulista citado, agora com inteira concordância:

«Se os cidadãos mais protegidos por condições económicas favoráveis estão dispostos a alimentar uma forma de rendimento parasitário, que sejam livres de o fazer, conquanto se criem as estruturas indispensáveis para que os portugueses de poucos recursos possam dispor de habitação condigna e acessível à sua minguada capacidade económica.»

O problema é vário e profundo. Talvez seja difícil re-

digir leis gerais que enquadrem e respondam a todas as formas específicas do problema. Há as zonas rurais e há as urbanas, com dificuldades de terreno que diferem como o dia da noite e impõem, naturalmente, soluções diversas. Auto-construção, cooperativismo, casas de renda económica adequada aos salários reais, propriedades resolúveis... — eis algumas das respostas possíveis, diversamente convenientes consoante os casos.

As «leis gerais, as medidas justas» parece-me que devem, antes de mais: fomentar estes diversos caminhos de solução onde eles aparecem ensaiados, com provas dadas de honestidade e eficácia; e simplificar

toda a burocracia que os impede; e prestar, com muita oportunidade, o apoio técnico e o auxílio financeiro que for possível, na certeza de que vale mais o bom real e imediato do que o óptimo utópico, ou realizável só a muito longo prazo.

O que «é justo interrogar — e volto de novo ao mesmo articulista — é se os poderes públicos estão realmente interessados em contribuir para resolver o problema da habitação, ou, pelo contrário, se preocupam mais em não bulir com os interesses lucrativistas de construtores de prédios e proprietários ociosos».

De boas leis gerais estará o mundo cheio..., mas no papel. O problema é magno demais para que o Estado, só, possa resolvê-lo. Todos os cidadãos estão nele comprometidos e nele devem empenhar-se.

Que ninguém estorve. Que todos facilitem a passagem a estes heróis ignorados, para que o seu esforço seja cada vez menos aventura e nunca aventura perigosa.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Correspondência de Família

«Meu querido Padre

Já neste cantinho à rua Ernesto Silva, com a vida normalizada desde a passada quarta-feira à tarde com o regresso da minha mulher, após as semanas que rolaram com Norte e Sul de permeio, imposição da necessidade de um estágio profissional. Custou muito, mas foi preciso para que assim ela consiga uma melhor colocação onde, espero, se venha a sentir bem.

Foi uma ajuda preciosa ter eu estado com a Malta no Lar, pelo que mais uma vez fico reconhecido, como aliás reconheço na Obra uma parte da Família a quem muito quero

Está, como disse — e muito bem — ainda por cumprir, a promessa de vir até nossa casa. Não a esquecemos e cada dia que passa representa um puxão de orelhas a somar a muitos já na conta.

Golpe de Estado: Aconteceu enfim e dentro de um civismo invulgar, embora com pequenos acidentes de que, a avaliar pelo acontecimento, apenas temos a lamentar as vítimas e agradecermos uns aos outros o resto, que foi afinal uma revolução na paz. A cidade tem outro rosto. Quem dera o Povo saiba manter-se lúcido, pois que a Hora pede acima de tudo muita lucidez e também respeito pelo que de válido ficou... Que seja por bem tudo isto. Que o Povo se empenhe na nova política e tenha voz firme e consiga não só merecer como usufruir dos Direitos do Homem como ser livre e responsável — humano — «com boca para comer, olhos para desejar e mãos para trabalhar» por um Portugal melhor, a fim de alcançar o que procura, a fim de possuir o que deseja: um lugar condigno na Sociedade dos Homens.

Joaquim»

FESTAS

Estamos neste momento no centro da romaria. As salas têm sido presas aos palcos. No fim de cada número, na assistência, há quem se levante e queira subir para comer com beijos os mais «batatinhas». Eu não me admiro de que qualquer noite o Pedrinho seja raptado. Hoje está tão em voga! Se alguém o raptar trate-o com muito amor. Ele é a grande vedeta.

Em todas as Festas tenho-me escondido no fundo das salas a saborear a refeição que eles vão apresentando. As nossas Festas são uma refeição. Uma refeição espiritual. Saio sempre com mais força para a vida. Cada vez gosto mais de todos os números.

Quero anunciar à população de Coimbra que voltamos ao Avenida na tarde de domingo 12 de Maio, pois na noite de 24 de Abril a lotação da casa foi esgotadíssima. Já dias antes começámos a receber recados a perguntar pela segunda Festa. Não queremos privar ninguém de se encontrar connosco.

Não posso deixar de revelar uma mágoa interior que sinto sempre por não ver no Avenida as Senhoras e os Senhores que aparecem noutros lu-



As salas têm sido presas aos palcos!

gares a título bem mais precioso.

Desejo muito, muito, ver o Avenida outra vez cheio e faço um apelo aos pais que têm filhos da idade dos nossos a que não falem à Festa com seus filhos.

A digressão dos nossos festeiros do Centro e Sul remata com as seguintes presenças:

MAIO: 11, Pombal e Vendas Novas; 12, Coimbra.

Padre Horácio

O livro «O BARREDO» e os Leitores

A procura de «O Barredo» revela uma ânsia extraordinária de Boa Nova e de Justiça Social!

Que dizer de como e quanto ele mexe e remexe com a alma do leitor?! Por isso, esta coluna é — e continuará a ser — pequeno repositório, um diálogo vivo entre os leitores e o autor. A matéria do livro foi gravada por Pai Américo em letras de sangue, já que o Barredo — todos os Barredos — é «terra de mártires, de heróis, de santos».

Labirinto! A imagem labiríntica! Ficou-me na memória, da primeira vez que — pela mão de Pai Américo — fui ao Barredo — todos os Barredos — é «terra de mártires, de heróis, de santos».

Cruzámo-nos na rua. Eu, em serviço da Casa; ele, dos Pobres do Barredo.

— Onde vais...?

— ...

— Queres vir comigo? Podes vir comigo ao Barredo?

Pousa o braço nos meus ombros. E da Praça da Liberdade à Sé foi preparação. Os casos. As necessidades. As preocupações. O prazer de nos levar. De nos fazer participar da sua missão de Recoveiro dos Pobres.

De todas as visitas posteriores, essa — até pela idade — marcou-me. O impacto dos labirintos, da imundície, da podridão, da morte lenta — como nos campos de concentração! Era o tempo deles.

Vãos de escadas, «torres de babel», no reino da escuridão! — Cuidado ò subir! Vem atrás de mim. Eu conto as escadas...

Ele já as sabia de cor, fosse onde fosse!

O Barredo marca. Fere. Condena. É uma condenação. Hoje, como há 50 anos! Ora oiçam. É uma voz do Porto:

«Junto envio 50\$00 para pagamento do livro «O Barredo», que há pouco me foi enviado.

Ainda não li tudo. Impossível. Tem de ser lido devagarinho, para melhor se saborear. Para se sentir o aperto no coração. A presença de Deus no Pobre. No seu sofrimento. Na sua resignação, que santifica. E para nos sentirmos culpados de que aquilo ainda assim seja.

Porque o Barredo é, foi e será sempre aquilo. Eu que o diga! Morei perto tantos anos!

Hoje como há cinquenta. Por culpa de quem? Do rico que cada vez quer ser mais rico; do remediado que se torna indiferente; do pobre que não pode lutar — de todos nós que consentimos.

Progresso, aonde? Leis, aonde? Justiça, aonde?

Apenas o cruzar de braços de 99% enquanto o que resta se esfalfa por remediar. Em vão! Já viu, que hoje só a ganância impera no mundo? Só ganância e podridão. A Luz vai-se apagando! Felizes dos que sabem e podem resguardá-la.

Que Deus nos ajude.»

Mais uma carta. Mais um um desabafo. É de Coimbra:

«Incluo um cheque de 100\$, como sinal da minha gratidão pelo envio do Barredo.

Livro, como todos os dessa Editorial, que na substância é sorriso e lágrimas do Evangelho e, na forma, pode ingressar nas antologias da nossa língua.

Quem dera que ele fosse livro de texto de escolares, para ficar gravado indelevelmente nas almas.

Para mim, é texto de meditação. Prouvera a Deus eu lhe soubesse tirar o fruto que comporta.

Fica-me a inquietação, um temor pelos «talentos» recebidos de que não sei tirar o rendimento e de que terei de dar contas e uma grande esperança na Misericórdia do nosso Pai Celeste.

Mil vezes obrigado.

Queiram aceitar o abraço fraterno do assinante dedicado...»

Sim senhor. Aqui fica o voto: «Quem dera que ele fosse



RETALHOS DE VIDA

O «Peixeira»

Sou natural de Ovar, onde nasci em 9 de Abril de 1959.

Minha mãe teve cinco filhos; dois foram para o Brasil e uma irmã minha está no Porto num colégio.

Agora vou-vos contar a minha vida. Com ela está ligada também a do meu irmão mais pequeno.

Quando tinha eu três anos meu pai morreu com um ataque de coração. Minha mãe, triste e só, quis meter-nos, a mim e a meu irmão, numa casa em que nos sustentassem e em que nos pudessem dar um bom futuro. Mas isso nunca aconteceu e andei perto de três anos de casa para casa, mas nada!

Tinha eu sete anos, andava muitas vezes por casa dos vizinhos, nunca a pedir. Mas quem me matava a fome eram pessoas que conheciam a minha mãe e que sabiam o que ela sofria por não nos poder sustentar. E assim andei perto de quatro anos.

No dia 8 de Outubro de 1966 vim para a Casa do Gaiato, onde estou há oito anos e me apresto em aprender a ser um Homem. Devo tudo isto a uma senhora que conhecia a minha mãe e é assinante de «O Gaiato».

Mesmo assim, minha mãe nunca me abandonou. Ainda hoje, de vez em quando, cá recebo a sua tão amável visita; as notícias nunca me faltam nas imensas cartas que recebo dela.

Quando vim para cá andava na 1.ª classe, frequentava a escola de manhã e, de tarde, trabalhava na lenha. Depois de ter feito a instrução primária fui trabalhar para as casas. Actualmente frequento o Ciclo Preparatório — TV: ando no 1.º ano e estou a gostar de estudar para que mais tarde tenha um bom futuro. E, além disso, meu serviço é tomar conta dos mais pequenos que trabalham na lenha.

Mais nada tenho para vos dizer, Leitores. Recebam um grande abraço deste amigo,

António Manuel Valente da Silva

(venha a ser) livro de texto de escolares, para ficar gravado indelevelmente nas almas».

Muitas lendas no meio da procissão! Olhem para S. Mamede de Infesta: «E destas obras-primas que o mundo desvalorado precisava de ler, para que houvesse mais amor e fraternidade entre os homens». E passemos a palavra a Setúbal:

«Muito grata pelo envio de «O Barredo». Está na cabeceira da minha cama e, jurando a mim própria, só leio 10 folhas por noite, para melhor o saborear e meditar. É o meu Evangelho!»

E mais. E muito mais — que fica para a próxima, se Deus quiser.

Júlio Mendes

